

Fé e Política nos Padres Apostólicos

Isidoro Mazzarolo

Introdução

Uma pessoa pode negar sua religião, trocar de religião, viver sem religião, mas não pode negar sua cidadania, negar o ser político.

A pessoa humana é *política* quando está na “polis” ou quando está na “agros” (campo); é política quando exerce o poder ou quando participa na base. O ser humano é antes político, depois religioso.

Se uma pessoa possui uma espiritualidade, ela também tem fé; se ela só tem uma religião, pode não ter fé, pode não crer ou ser ateu.

A espiritualidade é uma só, igual para toda a pessoa que tem fé, independente do rito religioso ao qual se agrega. Ritos e expressões religiosas, aos quais chamamos de religião há muitos, por isso são muitas as religiões.

A fé está ligada ao âmago do ser, à sua identificação como filho/a de Deus Pai Criador de todas as coisas. A fé não tem língua, não tem cultura, não tem raça e não tem pátria. A política e a religião se identificam com pátrias, culturas, credos e tradições históricas.

A religião, não raro, se aprende em casa, no berço, com a família, com os pais, no meio onde se nasce.

A fé (espiritualidade) se adquire pela consciência de uma dupla relação: a filiação divina e a crença em um Deus maior e da igualdade com o outro, a partir da relacionalidade entre semelhantes.



Fé e política, um resgate semântico

Fé:

Da etimologia grega, fé corresponde ao lexema “pistis” que significa crer, confiança, crédito, penhor, juramento. Normalmente o substantivo fé pressupõe uma credibilidade em uma promessa, palavra ou juramento. Aquilo que é de fé é também verdadeiro, autêntico, confiável, fundamentado no valor da palavra.¹

Da fonte latina obtemos sua origem no lexema “*fides*”, que significa fé, lealdade, sinceridade, veracidade, retidão, fidelidade, justiça, honestidade, etc. Os atributos latinos devem ter tido origem no sentido grego da expressão.

Política:

A “polis” era sempre a cidade, via de regra, a grande cidade, a capital em contraposição à Vila e ao campo. A “polis” é o complexo que envolve os habitantes que convivem em um conglomerado, regido por leis convencionais e com uma administração popular (pressupostamente democrática). Oriunda de “polis” temos a expressão “*política*” que é o exercício da cidadania pelos seus habitantes, chamados de “politês” ou “politai” (plural). A política, é a arte dos cidadãos exercerem o poder de forma correta, justa e equitativa junto aos demais, visto que todos os habitantes da polis (cidade) são “politai”, isto é, cidadãos. A sociedade grega classificava seus membros a partir do conhecimento e da instrução. Todos os que tinham uma formação e desenvolvimento cultural eram livres, os demais eram escravos. Esse era o grande princípio do cosmopolitismo grego.² A política é o exercício da vida na cidade, do direito e do dever comum de quem convive em sociedade. Toda a pessoa é cidadã ou política.

O sinônimo latino corresponde ao termo **urbs**, que significa a cidade, daí “*urbano*” que significa relativo à cidade.

Fé e política vinculam as pessoas, hoje, não apenas na cidade, mas na convivência. A fé tem um pressuposto teológico e a política um princípio antropológico-econômico. Não há como dissociar a fé da política. Toda pessoa é *política* na sua essência, e como política tem direitos e deveres inalienáveis, intransferíveis. A fé considera todas as criaturas humanas como seres à Imagem e Semelhança do Pai, por isso Jesus, na sua, *provável única ora-*

¹ BAUER, W. *TWzNT*, “πιστις”.

² MAZZAROLO, I., *Paulo de Tarso, tópicos de antropologia bíblica*, p.31ss.

ção, ensinou aos apóstolos o Pai-Nosso (na primeira parte) e o Pão-Nosso (na segunda parte).

Independentemente da expressão religiosa, ou mesmo de um ateísmo formal, os direitos fundamentais do ser humano, sempre estiverem na pauta de *profetas, santos e mártires* (Estevão, Francisco de Assis, Martin Lutering, Doroty Stang, D. Helder...).

O que dizem os Padres da Igreja sobre fé e política?

Clemente Romano

Clemente seria um colaborador de Paulo, autor de Hebreus, membro da família imperial dos Flávios? Uma biografia vasta, mas incerta. Segundo Irineu de Lion, ele seria o terceiro bispo de Roma e, conforme Tertuliano, sagrado pelo próprio Pedro.

Clemente afirma: O que justifica o proceder dos cristãos é a caridade e a justiça. Ainda que não sejam as obras que engrandecem o ser humano, mas a graça que recebem de Deus, em Jesus Cristo, o bem está acima de todos os princípios.

“O bom operário recebe o pão do seu trabalho com a cabeça erguida; o preguiçoso e negligente não olha a face de seu empregador... Eis o Senhor, seu salário está diante dele para retribuir a cada um segundo a sua obra” (Aos Cor 32-34).

A salvação exige aplicação, zelo e observância das Escrituras, visto serem obra da inspiração do Espírito Santo. Os justos nunca são rejeitados por homens santos, mas perseguidos, apedrejados e aprisionados por homens iníquos, ímpios e perversos. A fé em Jesus Cristo e no Evangelho exige o testemunho dos três jovens Ananias, Azarias e Misael na cova dos Leões (Dn 3). Apegando-se aos santos, os cristãos necessitam trabalhar com todas as suas capacidades no testemunho da verdade, da unidade e da justiça (Aos Cor 45-46).

“Esta é a porta da justiça aberta para a vida, como está escrito: ‘Abri-me as portas da justiça – entrarei por elas para proclamar o Senhor, os justos entrarão por elas’. Felizes são todos os que entram por ela e dirigem seu caminho na santidade e na justiça cumprindo todas as coisas sem perturbação” (Aos Cor 48).

O amor conduz à justiça, à graça e ao Inefável. É no amor que o Senhor atrai para si os que o praticam (Aos Cor 49).

Cada um deveria dizer a si próprio: “Se por minha causa existe revolta, briga e divisões, eu vou-me embora. Irei para onde quiserdes, e farei o que a multidão ordenar, para que o rebanho de Cristo viva em paz com os seus

presbíteros constituídos. Assim fazendo, ele adquirirá, pois uma grande glória em Cristo” (Aos Cor 54). Se alguém for causa de conflitos, de discórdias deveria ter a maturidade sócio-política de pedir o afastamento, deixar que os outros sigam o seu caminho. Quem não obstrui os caminhos dos outros, colabora imensamente com os caminhos de Deus e a justiça.

Inácio de Antioquia

Igné = fogo; natus = nascido. Eusébio afirma que ele foi o segundo bispo de Antioquia; Jerônimo, no IV século, diz ser o terceiro de Antioquia, depois de Pedro, mas foi aprisionado, enviado a Roma e esfaqueado pelas feras, nos tempos de Trajano (*De Viris Illustribus*, XVI). Seu martírio deve ter ocorrido por volta de 105-107 d.C.

Comentando a relação entre usar o NOME (cristão) e a conduta, Inácio diz o seguinte: “De fato, existem algumas pessoas que *dolosamente* costumam levar o **Nome**, mas agem de modo diferente e indigno de Deus; é preciso que eviteis essas pessoas como se fossem feras selvagens. Com efeito, são cães raivosos que mordem sorratamente. Atentos às suas mordidas, pois são difíceis de curar” (Aos Efésios, 7).

“Os carnis não podem realizar coisas espirituais, nem os espirituais coisas carnis, da mesma forma que a fé não pode realizar as coisas da infidelidade, nem a infidelidade as coisas da fé.” (Aos Ef, 7). Não há como confundir os campos, pois pelos frutos se conhecem as árvores.

Levar o Nome de Cristo *dolosamente* significa manipular a fé, a religiosidade e macular a verdade. Nem tudo o que é dito em nome de Jesus Cristo é cristão! Nem todos os que entram em Igrejas e Santuários são religiosos. Nem todos os que têm uma religião possuem fé! A manipulação das religiões pela política, pela economia e por interesses escusos faz com que muitos sejam enganados, não apenas em campanhas políticas, mas no cotidiano da vida.

Quem professa a fé não pode pecar. Se pecar nega a fé porque não possui o amor e odeia Cristo (Aos Ef, 14). O pecado é incompatível com a fé, por isso, quando alguém peca se exige a remissão do pecado e a conversão. Dessa forma, todo aquele que manipula a verdade está pecando e esse ato revela que ele não crê.

A fé em Jesus Cristo exige um afastamento do pecado, mesmo que se tente converter o pecador (Aos Tralianos, 9-11). A comunhão com o pecador pode ser perigosa, por que a força dele pode ser maior e ser corrompido por ele. Jesus Cristo crucificado é exemplo de firmeza, conduta e caminho para o comportamento cristão, cuja força está na unidade na comunidade e na soci-

idade. Os mais são como árvores parasitas, só vivem sugando a energia dos outros.

Os maus armam ciladas sorrateiras. Os cristãos necessitam perceber os artificios enganosos do príncipe desse mundo (Aos Filadelfenses, 6). A sabedoria, o discernimento e a fé são caminhos para evitar os enganos e engodos. Os maus se infiltram nas comunidades, no meio das autoridades e no poder para dividir, para impedir a unidade e a coesão em torno do Evangelho, da verdade e da justiça. “*Dividir para imperar*” já era um princípio romano.

“O princípio de todos os males é o amor ao dinheiro. Sabendo, portanto, que nada trouxemos ao mundo e que nada podemos levar dele, armemo-nos com as armas da justiça e ensinemos primeiro a nós mesmos a caminhar conforme o mandamento do Senhor” (Aos Filipenses, 4).

A advertência de Inácio aos Filipenses revela um grande problema da humanidade: a avidez por riquezas. O dinheiro é o grande ídolo do mundo do capital, do deus do lucro, da teologia da prosperidade, da economia do poder. A idolatria não é culto a imagens, mas subserviência a um sistema, nesse caso, culto ao dinheiro. Todos os meios são válidos para que eu alcance os meus fins. Jesus diz que o dinheiro tem a autoridade de “senhor”, pois quem não serve a Deus, serve ao dinheiro (Mt 6,24).

Hermas

Hermas seria um cristão nos tempos de Paulo (Rm 16,14). Segundo o cânon Muratori, Hermas escreveu, em Roma, a obra *O Pastor*, nos tempos em que seu irmão, Pio, era bispo de Roma (por volta de 150 – o cânon de Muratori data do ano 200).

Hermas escreve a sua grande obra em forma de visões, no estilo apocalíptico, e comentando o Sexto Mandamento, escreve:

“Ele me disse: ‘No primeiro mandamento, eu te ordenei guardar a fé, o temor e a continência’. Eu respondi: ‘Sim, Senhor’. Ele continuou: ‘Agora te explicarei as forças dele, para que conheças o poder e a eficácia que elas possuem. Suas forças são de dois tipos e estão relacionadas com o justo e com o injusto. Tem confiança no justo, mas não confies no injusto. De fato, o justo segue caminho reto, ao passo que o injusto segue caminho tortuoso’ (Hermas, *O Pastor*, 35)”.

Hermas segue, depois disso, instruindo os seus leitores e ouvintes sobre os imperativos éticos de distinguir os dois caminhos e não confiar nos injustos.

Jesus adverte igualmente sobre os dois caminhos e a necessidade de optar pelo caminho da justiça (Mt 6,24; cf. 5,20). Não há como ser cristão e não discernir o comportamento social, político e econômico.

Todo o cristão deve praticar o bem e abster-se de praticar o mal. Se abstém de praticar o mal, faz um grande bem. Os vícios são coisas que os servos de Deus devem deixar de praticar: roubo, mentira, fraude, falso testemunho, avareza, desejos maus, enganos, arrogância e vícios semelhantes (Hermas, *O Pastor*, 38).

Barnabé

Não é o companheiro de Paulo, mas um cristão da Alexandria, por volta dos anos 100-150. Ele revela uma ruptura com o judaísmo (9,4) e uma rejeição ao AT, posturas não identificáveis em Barnabé, companheiro de Paulo.

Em sua carta, aos cristãos, aos quais chama de filhos e filhas, fala das dificuldades de dar testemunho correto, no meio de um mundo antagônico. “Os auxiliares da nossa fé são o temor e a perseverança, e nossos companheiros de luta são a paciência e o autocontrole” (Carta, 2).

A fé trava uma batalha constante contra os inimigos e opositores que pretendem romper com a unidade e a justiça. O trabalho da fé se manifesta na resistência a estruturas políticas injustas e perversas.

Didachê

Uma obra, também chamada “Constituições apostólicas”. Uma parte dessa obra coincide com a Carta de Barnabé (Barnabé 18-20 estão quase integralmente contemplados na *Didachê*, 1-5). Muitos estudiosos quiseram atribuir essa obra a Barnabé. Os primeiros cristãos conheciam essa obra. Acredita-se que ela tenha sido composta entre 80-90, mas o lugar é desconhecido. As opiniões oscilam entre Antioquia, Palestina e Egito.

Essa “*Doutrina dos Apóstolos*” exorta sobre a porta de entrada de todos os males na comunidade cristã. Os males entram suavemente, no início, depois se transformam em dragões devoradores.

Alguns males que entram quase imperceptivelmente são a adivinhação, a mentira, a mania de grandeza, o ciúme, a astrologia e outros dessa natureza que depois se transformam na violência, fornicação, homicídios, roubos, avidez pelo dinheiro, fama, cobiça e blasfêmia (*Did*, 3).

A exortação carrega muita sabedoria e experiência de vida, pois a fé, que aparentemente não é atingida por coisas pequenas, ao “acordar” já está amarrada pelos grandes vícios.

O mal é sempre político-religioso. Para que haja o mal, o bem tem que ser banido.

Os Padres Apologistas

Diogneto

A obra “Carta de Diogneto” assumiu grande importância no início do cristianismo, mas a identificação do autor continua desconhecida. Alguns acreditam ser a apologia de Quadrato contra o imperador Adriano, e depois dada como perdida. É uma obra que se situa entre o século II e III.

O ponto de partida é a rejeição à idolatria, aos ritos idolátricos, práticas de sacrifícios de animais e submissão ao culto imperial. Por outro lado, rejeita todas as práticas judaicas de sacrifícios e ritos, comparando-os aos dos pagãos.

Afirma que sacrificar coisas é uma idiotice, pois não são elas que transformam o comportamento, apenas desviam o seu sentido (Diog. 2-3).

Os cristãos não se distinguem dos outros pela língua, pela roupa que vestem, pelos costumes. Eles vivem no meio de pagãos, moram em cidades pagãs e convivem com bárbaros. Casam-se como todos, mas não abandonam os filhos que geram. A diferença está que possuem uma religião que não inventada por eles, vivem na sua pátria como forasteiros, participam em tudo da vida, mas se distinguem dos pagãos pela conduta. Toda a pátria é estrangeira, mas toda a pátria estrangeira é deles. Estão na carne, mas vivem como se estivessem no céu, põem tudo em comum (Diog., 5).

De fato, Diogneto mostra como o cristão está no mundo, sem ser do mundo (cf. Jo 17). Estar, comungar e inserir-se para libertar, expulsar os demônios e transformar (Mc 3,13-15). A distinção do cristão não está em ele falar línguas estranhas, baixar o espírito, adivinhar o futuro, mas em testemunhar a verdade no meio do mundo mentiroso, em testemunhar a justiça no mundo de ímpios e perversos....

Taciano, o sírio

Nasceu na terra dos “assírios”, por volta de 120, de família pagã. Educado na cultura grega, na mitologia, revelou inquietude pelo estudo das religiões. Por volta de 150 conheceu o cristianismo. Compôs a Diatesseron (fusão dos quatro evangelhos). A única grande obra que restou para nós é o *Discurso contra os gregos*.

“Por isso, condeno também as vossas leis. Deveria haver uma só constituição política comum para todos; agora, há tantas legislações quantas cidades existem, e assim como acontece aquilo que entre alguns é vergonhoso,

entre outros é tido por honroso. Os gregos, por exemplo, pensam que se deve evitar a união com a própria mãe, ao passo que entre os magos persas, isso é tido como a mais bela instituição. A pederastia é perseguida entre os bárbaros; entre os romanos, porém, é considerada um privilégio, pois procuram reunir rebanhos de crianças para ela, como manadas de cavalos para o pasto” (Contra os gregos, 28).

A ética social é moldada de acordo com os interesses. A fornicação era comum entre os gregos. Entre os judeus era passível de pena de morte (Lv 20,8ss).

A dupla moral das leis: para os ricos, filhos de ricos que queimam índios nos pontos de ônibus, é apenas um delito comum. Para uma mulher pobre que rouba frutos num mercado, é passível de diversos anos de cadeia.

Taciano afirma que, depois de ter-se iniciado nos mistérios, examinou as religiões de todos os homens, instituídas por eunucos efeminados (os romanos com Júpiter; os gregos com Diana, Afrodite, Vênus...), mas encontrou também Escrituras de bárbaros que lhe causaram espécie pela simplicidade e clareza. A essas ele começou prestar crédito, e com isso aprendeu a criticar as outras escrituras dos eunucos efeminados (Contra os gregos, 29).

O grande tesouro escondido nessas Escrituras é a revelação do Verbo de Deus que se tornou dono daquilo que é nosso (Contra os gregos, 30).

Atenágoras de Atenas

Era um filósofo de Atenas, mas os dados biográficos são exíguos. Seus escritos são extremamente refinados, belos, sóbrios e elegantes no estilo e no conteúdo. Sua cultura é a mais refinada entre os escritores cristãos de sua época e anteriores. Duas grandes obras compõem seus escritos: *Petição em favor dos cristãos* e *Sobre a ressurreição dos mortos*.

“Que o Deus Criador de todo este universo seja um só desde o princípio, considerai-o do seguinte modo, a fim de que tenhais também o arrazoado da nossa fé: Se, desde o princípio, tivesse havido dois ou mais deuses, certamente os dois teriam tido que estar em um só e mesmo lugar ou cada um, à parte, em seu lugar. Ora, é impossível que estivessem em um só e mesmo lugar, porque, sendo deuses, não seriam iguais, como incriados, seriam desiguais...” (*Petição em favor dos cristãos*, 8).

Com a tese racional em torno do monoteísmo, Atenágoras evoca a necessidade do entendimento, da construção da justiça e do amor.

Dois deuses dividem, não apenas o espaço, mas os homens. Assim, toda a divisão é anti-Deus (1Cor 12).

Na sua percepção social, Atenágoras condena as leis feitas e aplicadas aos homens em troca de favores, prêmios ou castigos. As leis deveriam ser

acolhidas de modo igual, e seus castigos decorrentes, igualmente isentos de parcialidade. A visão política é muito clara, e como toma princípios cristãos para julgar a realidade, afirma que toda a distorção legal, fere a alma, porque fere o bem (*Sobre a ressurreição dos mortos*, 23).

Teófilo de Antioquia

Ele é o sexto bispo, depois dos apóstolos, segundo Irieneu (*HE*, IV,20). Originário da Síria é o último dos grandes apologistas do século II. Ele confessa, em sua grande obra *Autólico*, que era descrente, mas ao ler as Escrituras, encontrou a fé.

Teófilo afirma que há um único caminho da fé para Deus: Viver segundo a justiça. Para que a justiça aconteça, precisa que a fé e o temor de Deus entrem, antes, no coração e na mente.

Assim como nenhum doente pode curar-se antes de ir ao médico, ninguém pode ver a Deus sem antes crer em seu coração. “Quem antes pode atravessar o mar, se antes não confia na embarcação e no piloto? Qual doente pode se curar se não confia no médico? Qual arte ou ciência pode alguém aprender, se antes não se entrega e se confia ao mestre? Portanto, se o lavrador crê na terra, o viajante no navio, o doente no médico, por que tu não queres confiar-te a Deus, do qual recebeste tantos dons?” (*Primeiro livro a Autólico*, 7-8).

A fé está ligada à ação. Aquele que crê no bem, pratica-o, aquele que crê no mal, não apenas o pratica, mas perverte o bem.

*A referência a Sibila*³

Teófilo faz uma referência a Sibila: “Quanto à Sibila, que foi profetiza entre os gregos e demais nações, começa sua profecia recriminando o gênero humano – ‘Homens mortais e de carne, que não sois nada, como vos apressais a vos exaltar, sem olhar para o fim da vida, e não tremeis, nem temeis a

³ Teófilo se refere à Sibila como mulher, no entanto, parece ser uma epígrafe de muitos oráculos. Na tradição histórica aparecem até 10 Sibilas, em lugares diversos. Alguns indícios apontam o Irã, como seu país de origem. No entanto, é na Grécia que ela se manifesta. O todo das profecias e oráculos compõe 15 livros, mas só 1-8 e 11-14 chegaram até nós. Ela havia profetizado a Guerra de Tróia, o dilúvio, a queda da Torre de Babel, e outras que iriam acontecer sobre o Império Romano. Há um vínculo com Homero. Judeus e cristãos, mais tarde se apropriariam de parte desses oráculos. Ela divide a história em 10 períodos, com uma certa coincidência com as divisões persas. Mais tarde, por causa da apropriação, conhece-se a Sibila judaica, com largas interpolações, e de modo análogo, os cristãos fariam esse uso. Muitas profecias, catástrofes e castigos preditos estão à luz das profecias veterotestamentárias, cf. MINETTE DE TILLESSE, C. *Revista Bíblica Brasileira, edição especial 1-2*, v.17, Fortaleza Nova Jerusalém, 2000.

Deus, que vos vigia, conhecedor altíssimo, que tudo vê, testemunha tudo, criador que tudo alimenta, que infundiu em tudo doce alento e que se fez guia de todos os mortais? ... Caminhais no orgulho e na loucura e, abandonando o caminho direito e reto, vos haveis desviado e andais errantes entre os espinhos e estacas. Vãos mortais, cessai já de errar entre sombras atreves da negra noite escura, abandonai a sombra da noite e recebei agora a luz. ... Insensatos, adorais serpentes, gatos e cães, e cultuais aves, répteis e fera do campo, estátuas de madeira, imagens manufaturadas e montes de pedras nos caminhos, que já é vergonhoso apenas nomear. .. Tendo abandonado tudo isso, essa taça cheia de justiça, vinho puro, abundante, plena sem mistura alguma, a arrastastes em vossas loucuras, todos loucos de espírito, e mesmo assim não quereis despertar, reaver mente sensata e conhecer a Deus rei, aquele que tudo vê? ...” (Seg. Livro Autólico, 36).

Justino

Nasceu na Flávia Neápolis (fundada por Vespasiano sobre a Antiga Siquém – Samaria), mas não era judeu. Seu nascimento ocorre por volta do ano 100 e sua adesão ao cristianismo em torno de 132. Sua formação intelectual, espelhada nos seus escritos, testemunha primor e qualidade. Acusado perante Júnio Rústico, pelo filósofo cínico Crescente, foi decapitado por volta de 165.

O ateu é aquele que pratica a injustiça. O cristão não faz uma profissão de fé para depois praticar a injustiça. Os que praticam males não examinam suas consciências (I Apologia, 5).

“Além disso, aprendemos que Deus não tem necessidade de qualquer oferta material dos homens, pois vemos que é ele quem nos concede tudo. Ele próprio nos ensinou, e disso estamos persuadidos e assim o cremos, que lhe são gratos somente aqueles que lhe procuram imitar os bens que lhe são próprios: o bom senso, a justiça, o amor aos homens e tudo o que convém a um Deus que não pode ser chamado por nenhum nome imposto” (I Apologia, 10).

Para Justino, todas as formas idolátricas são desvios, não apenas da religião, mas da justiça.

A fé não admite os erros da cidadania, por que ferem a dignidade do ser humano que foi ensinado a praticar a justiça social como primeiro mandamento.

A obra de Justino é uma síntese da história da Salvação, revelando, pausadamente, que Deus e Jesus Cristo não necessitam de sacrifícios de coisas, mas da virtude, da justiça e do compromisso. As coisas antigas (formas

e cultos) passaram, agora há uma nova economia da salvação que passa pela entrega de si próprio (cf. Rm 12,1-4).

Irineu de Lion

Ele é um dos, realmente grandes, do cristianismo primitivo. Nasceu em Esmirna (Turquia), por volta de 140; estudou aos pés de Policarpo (martirizado em 156, o qual teria convivido e conhecido, segundo Irineu, João, o apóstolo). Foi para Roma e voltando foi eleito, pelo povo, bispo de Lion.

Com sua sabedoria e coragem, exortava até o Papa a ser menos radical e mais prudente nas suas atitudes, por isso foi chamado de pacificador (Irineu de “eirênê” = paz). Sua morte é desconhecida, mas acredita-se ter sido martirizado por heréticos, com a idade aproximada de 70 anos, por volta de 202, sob o governo do imperador Sétimo Severo.

Irineu se preocupa fundamentalmente com os desvios da fé, por isso se torna conhecido como aquele que combate as *heresias*. A primeira heresia é o Evangelho de Judas e a gnose. A gnose era o esoterismo grego e cristão. Ainda hoje a gnose reina nas igrejas pentecostais, carismáticas e nos cristãos fundamentalistas.

Os hereges eram os manipuladores da verdade e da justiça, por isso, usavam esquemas filosóficos, políticos e sociológicos para combater o cristianismo.

O eixo da relação Fé e Política nos Padres da Igreja, uma proposta de conclusão

A Doutrina Social da Igreja tem como ponto de partida é a Fé (Rm 16-17);

Os perigos para a fé são os vícios, a ganância e ambição (Rm 1,22-32).

Deus é Pai, tem compaixão, mas exige conversão. Diante do pecado é preciso ter a compaixão, no entanto, não há como endossar o erro. É mister provocar a transformação, superar as dificuldades e reparar as lacunas como expressão do desejo e da consciência de transformação e reparação das relações rompidas pelo erro.

Os desvios religiosos são causados, ou pela falta de formação, ou pelo mal que desvia a fé do verdadeiro comportamento social.

Toda a religião é política por que trata do ser humano como cidadão. No ambiente de rede, o ser humano é uma célula no macrocosmos e não pode eximir-se da responsabilidade de formação grupal e social. Não só como igreja, mas como família, como sociedade e como nação (1Cor 12,4-30)..

Os cultos idolátricos, a sacralização de amuletos, as cosmogonias e outras práticas comprometem a verdadeira religião e induzem à idolatria de si mesmos gerando sistemas ditatoriais, hegemonias políticas e sacramentando corrupções, roubos, mentiras e hipocrisias (cf. Ap 22,15).

O céu e o inferno são paradigmas do amanhã, mas estão sendo escolhidos hoje.

A justiça social é o lugar e a forma de se verificar a *espiritualidade e a religião*.

Existem dois tipos de ateísmo: um é o *ateísmo teórico*, que é a negação de Deus pelo discurso, pelo texto escrito ou pela apologese; um outro é o *ateísmo prático*, que é testemunhado pelas pessoas que praticam o mal, a injustiça e a divisão, muito embora freqüentem templos, santuários, igrejas, mesquitas e sinagogas.

Nos Padres Apostólicos e Apologistas não há como associar Doutrina Social e injustiças sociais. Já aparece no profeta Isaías 5,8-24 a incompatibilidade entre fé e práticas injustas. Se o boi conhece o seu dono e o jumento o seu lugar no estábulo, por que o ser humano não reconhece o seu lugar no universo, o seu lugar diante de seu irmão ou seu Deus (Is 1,3)?

Assim como Jesus tinha clareza de que não há separação entre fé e política, entre as enfermidades somáticas e o Evangelho, ele mostrou que o caminho é curar, orientar, converter. Nos Padres da Igreja essa consciência e trabalho é semelhante. Não há como anunciar o Evangelho sem converter, sem curar a enfermidade da ganância, sem transformar os corruptores, sem transformar e santificar seus fiéis.

Isidoro Mazzarolo

isidoro@puc-rio.br

Phd pela École Biblique et Archéologique de Jérusalem

Bibliografia

Coleção de Patrologia, Paulus

Revista bíblica Brasileira, Fortaleza, Nova Jerusalém, 2000 e 2002.

MAZZAROLO, Isidoro, *Paulo de Tarso, tópicos de antropologia bíblica*, Rio de Janeiro, Mazzarolo editor, 2000.